


CAPÍTULO UM

 U SONHEI COM ANJOS. EU OS VI E OS OUVI EM meio a uma maravilhosa e interminável noite galática. Eu vi as luzes que eram esses anjos, voando aqui e ali, em linhas de irresistível resplandecência, e alguns tão grandes quanto cometas que pareciam aproximar-se tanto, que tive a sensação de que o fogo me devoraria e, no entanto, não senti nenhum calor. Não senti nenhum medo. Não senti nenhum eu.

Eu senti amor ao meu redor nesse vasto e inconsútil domínio de som e luz. Eu me senti íntima e completamente conhecido. Eu me senti amado e amparado e parte de tudo o que via e ouvia. E, no entanto, sabia que não merecia nada daquilo, nada. E algo similar à tristeza tomou conta de mim e misturou a minha própria essência às vozes que cantavam, porque as vozes cantavam a meu respeito.

Eu ouvia a voz de Malchiah bem alta, brilhante e imensa dizendo que eu agora deveria pertencer a ele, que agora deveria ir com ele. Que ele me escolhera como seu companheiro e que eu deveria fazer o que me mandasse fazer. Como era forte e brilhante sua voz erguendo-se cada vez mais. No entanto, surgia contra ele uma voz menor, terna, lustrosa, que cantava acerca da minha vida na Terra e acerca do que eu deveria fazer; cantava acerca daqueles que necessitavam de mim e me amavam; cantava acerca de coisas comuns e sonhos comuns e se opunha a essas coisas que Malchiah desejava fazer com uma coragem irretocável.

Oh, que uma tal mistura de temas pudesse ser tão magnífica e que essa música me cercasse e me abraçasse como se fosse uma coisa palpável e adorável. Eu me encontro no colo dessa música e ouço Malchiah

DE AMOR E MALDADE

triunfando ao chamar-me para si, ao declarar que eu lhe pertencia. A outra voz fraquejava, mas não desistia. A outra voz jamais desistiria. A outra voz possuía sua própria beleza e continuaria cantando para sempre, como cantava naquele momento.

Outras vozes se erguiam; ou estavam lá esse tempo todo. Outras vozes cantavam ao meu redor e acerca de mim, e essas vozes rivalizavam com as vozes angelicais como se estivessem respondendo a elas do outro lado de uma caixa-forte insondável. Formavam uma tecedura, essas vozes, as angelicais e as outras, e eu subitamente me dei conta de que pertenciam a pessoas que rezavam, que rezavam por mim. Eram pessoas que haviam rezado antes e que rezariam depois e num futuro distante e que rezariam sempre, e todas elas tinham a ver com o que eu talvez me tornasse, com o que talvez viesse a ser. Oh, triste alma diminuta que eu era, e como era grandioso esse mundo flamejante no qual eu me encontrava, um mundo que faz com que o próprio mundo em si pareça insignificante quando todos os limites e todas as medidas desaparecem.

Ocorreu-me a percepção sagrada de que todas as almas vivas eram objeto dessa celebração, desse infinito e incessante coro, de que todas as almas eram amadas como eu era amado, agora conhecidas da mesma maneira com que eu próprio era conhecido.

E como poderia ser de outra maneira? Como poderia eu, com todas as minhas falhas, todas as minhas amargas perdas, ser o único? Oh, não, o universo estava cheio de almas entretecidas nessa triunfante e gloriosa canção.

E todas eram conhecidas e amadas como eu era conhecido e amado. Todas eram conhecidas, e inclusive as pessoas que por mim rezavam tornavam-se parte de seu próprio glorioso desvelar no interior daquela interminável e dourada tecedura.

– Não me tire daqui. Não me mande de volta. Mas, se tiver de fazer isso, deixe-me fazer a Sua Vontade, deixe-me fazer isso com todo o meu coração – eu rezei e ouvi minhas próprias palavras tornarem-se tão fluidas quanto a música que me cercava e me sustentava. Ouvi minha própria voz particular e determinada: – Eu Te amo. Eu Te amo, Você que fez todas as coisas e nos deu todas as coisas, e para Você eu farei qualquer

coisa, eu farei o que quer que queira que eu faça. Malchiah, leve-me. Leve-me para Ele. Deixe-me fazer a vontade d'Ele!

Nem uma única palavra foi desperdiçada nesse grande útero de amor que me cercava, nessa vasta noite tão brilhante quanto o dia. Pois nem o dia nem a noite importavam aqui, e ambos estavam misturados e tudo estava perfeito, e as pessoas que rezavam erguendo-se e sobrepondo-se umas às outras, e os anjos que chamavam eram um único firmamento ao qual eu me rendia inteiramente, ao qual eu pertencia inteiramente.

Algo mudou. Mas, ainda assim, eu ouvia a voz chorosa daquele anjo implorando para mim, lembrando a Malchiah tudo o que eu deveria fazer. E eu ouvi a delicada admoestação de Malchiah e posterior insistência, e ouvi as rezas tão fervorosas, densas e esplêndidas, que tive a impressão de que jamais precisaria novamente de um corpo para viver ou para amar ou para pensar ou para sentir.

No entanto, algo mudara. A cena era outra.

Eu vi a grande elevação da Terra abaixo de mim e vaguei para baixo sentindo um calafrio lento, porém certo e doloroso. *Deixe-me ficar*, eu queria implorar, mas eu não merecia ficar. Não era o meu tempo de ficar, e eu tinha de sentir essa inevitável separação. No entanto, o que se abria agora para mim não era a Terra de minhas expectativas, mas vastos campos de trigo soprando dourados sob um céu tão vívido ao sol brilhante como eu jamais testemunhara antes. Em todas as direções, eu vi as flores silvestres, “os lírios do campo”, e eu vi sua delicadeza e sua resiliência com a força da brisa curvando-as para um lado e para o outro. Essa era a riqueza da Terra, a riqueza das árvores ao vento, a riqueza das nuvens juntando-se umas às outras.

– Querido Deus, jamais ficarei longe de Você, jamais Lhe desobedecerei, jamais O trairei – sussurrei –, pois isso aqui, tudo isso aqui Você me deu, tudo isso aqui Você nos deu a todos.

E, ao meu sussurro, seguiu-se um abraço tão íntimo, tão total, que eu chorei com toda a minha alma.

Os campos ficaram vagos e imensos, e um dourado vazio envelopou o mundo e eu senti o amor me abraçando, me tomando para si, como se eu estivesse sendo recebido em seu colo, e as flores mudaram e transformaram-se em massas de cores que eu não conseguia descrever. A própria

DE AMOR E MALDADE

presença de cores a nós desconhecidas tocou-me bem fundo e me deixou desamparado. *Querido Deus, como nos ama com tanta intensidade!*

Formas não mais existiam. Cores haviam se soltado sem esforço algum das formas, e a luz em si estava agora rolando como se fosse uma fumaça suave que se autoconsumia.

Apareceu um corredor e eu tive a impressão distinta, em palavras, de que havia passado por ele. E agora, ao longo do comprido corredor, vinha até mim a esguia figura de Malchiah, vestido como sempre, uma figura graciosa, como a de um jovem.

Eu vi seus cabelos escuros e macios, seu rosto oval. Eu vi seu terno escuro simples com linhas estreitas.

Eu vi seus olhos amáveis, e então seu lento e fluido sorriso. Eu o vi aproximar-se de mim com os dois braços.

– Amado – sussurrou ele –, preciso mais uma vez de você. Precisarei de você incontáveis vezes. Precisarei de você até o fim dos tempos.

A mim me pareceu, naquele momento, que as outras vozes começaram a cantar de seus corações, em protesto, em louvor, eu não sabia ao certo.

Eu queria abraçá-lo. Queria lhe implorar que me deixasse ficar um pouco mais com ele ali. Que me levasse novamente para os domínios das luzes celestiais. Eu queria chorar. Eu nunca soube chorar quando era pequeno. E agora, na condição de adulto, eu o fazia repetidamente, desperto e em sonhos.

Malchiah chegou com firmeza, como se a distância entre nós fosse bem maior do que eu supusera.

– Você tem apenas duas horas até eles aparecerem – disse ele – e vai querer estar preparado.

Eu estava acordado.

O sol da manhã inundava as janelas.

O ruído do trânsito vinha das ruas.

Eu estava na Suíte Amistad, no Mission Inn, recostado num ninho de travesseiros, e Malchiah estava sentado, tranquilo e calmo, numa das cadeiras com asas perto da lareira de pedra e me disse novamente que Liona e meu filho logo chegariam.

CAPÍTULO DOIS

TM CARRO OS PEGARIA NO AEROPORTO DE LOS Angeles e os levaria diretamente para o Mission Inn. Eu dissera a ela que nós nos encontraríamos embaixo do campanário, que eu teria uma suíte para ela e para Toby – esse era o nome de meu filho – e que eu cuidaria de tudo.

Mas eu ainda não acreditava que ela viria realmente. Como é que poderia vir?

Eu desaparecera da vida dela, em Nova Orleans, dez anos atrás, deixando-a com dezessete anos e grávida, e agora eu estava de volta através de um telefonema da Costa Oeste, e quando eu descobrira que ela não era casada, nem mesmo comprometida, não estava sequer vivendo com alguém, quando eu descobrira isso, eu quase desmaiara no ato.

É claro que não podia contar a ela que um anjo chamado Malchiah me dissera que eu tinha um filho. Eu não podia contar a ela o que eu fazia, não só antes como também depois de conhecer esse anjo, nem quando ou como eu talvez pudesse voltar a vê-la.

Tampouco podia explicar que o anjo estava me dando um tempo para vê-la agora, antes de eu partir para mais uma missão para ele, e, quando ela concordou em voar até aqui para me ver, em trazer consigo o meu filho, Toby, bom, eu ficara num estado suspenso de júbilo e descrença.

– Olha, pelo que o meu pai acha de você – dissera ela –, é mais fácil tomar um avião e me encontrar com você na Costa Oeste. E é claro que vou levar o seu filho pra você conhecer. Você não acha que ele quer saber quem é o pai dele?

DE AMOR E MALDADE

Ela ainda estava morando com o pai aparentemente, o velho dr. Carpenter, como eu me referia a ele naquela época, e não me surpreendia nem um pouco saber que ele passara a nutrir desprezo e desdém por mim. Eu entrara sorrateiramente com a filha dele em sua casa de hóspedes, e jamais sonhara durante todos esses anos que ela tivesse tido um filho em decorrência disso.

A questão é a seguinte: eles estavam vindo.

Malchiah desceu comigo até a calçada da frente. Era absolutamente óbvio para mim que outras pessoas podiam vê-lo, mas ele parecia totalmente normal, como sempre, um homem da minha altura e vestido com um terno de três peças bastante parecido com o que eu mesmo usava. A única diferença é que o dele era cinza e o meu, cáqui. Sua camisa era brilhante, ao passo que a minha era uma camisa azul de trabalhador, engomada, passada e combinando com uma gravata azul escura.

A mim, ele parecia um ser humano perfeito, seus olhos cheios de admiração vagando pelas flores e pelas altas palmeiras emolduradas pelo céu como se ele estivesse saboreando tudo. Ele parecia até estar sentindo a brisa e regozijando-se um pouco nela.

– Você está uma hora adiantado – disse ele.

– Eu sei. Eu não estou conseguindo ficar parado. Sinto-me melhor esperando aqui mesmo.

Ele fez que sim com a cabeça, como se isso fosse algo perfeitamente razoável quando, na realidade, era ridículo.

– Ela vai perguntar o que eu andei fazendo esse tempo todo – eu disse. – O que eu digo a ela?

– Você vai dizer apenas o que for bom para ela e para o filho de vocês – respondeu ele. – Você sabe disso.

– Sim, eu sei – concordei.

– Lá em cima, no seu computador – disse ele –, tem um documento longo que você escreveu chamado “Tempo dos Anjos”.

– Eu sei. Bom, eu escrevi aquilo enquanto esperava você voltar para mim de novo. Eu escrevi tudo que aconteceu na minha primeira missão.

– Isso foi bom – disse ele. – Uma forma de meditação, e funcionou muito bem. Mas, Toby, ninguém deve ler aquele documento, não agora, e, quem sabe, jamais.

Eu deveria ter imaginado isso. Eu me senti um pouco deprimido, mas compreendi. Com embaraço, pensei em como ficara orgulhoso em contar a minha primeira missão para os anjos. Eu me gabara para o Homem Certo, meu ex-chefe, que mudara de vida, que estava escrevendo sobre isso, que talvez algum dia ele encontrasse meu verdadeiro nome nas livrarias. Como se ele se importasse com isso, o homem que me enviara, sob a alcunha de Lucky, a Raposa, para matar diversas pessoas. Ah, que orgulho. Mas também, durante toda a minha vida adulta, eu jamais fizera nada antes que pudesse me dar orgulho. E o Homem Certo era a única pessoa nesse mundo com quem eu mantinha conversas regulares. Quer dizer, até eu conhecer Malchiah.

– Crianças dos Anjos vêm e vão assim como nós – disse Malchiah –, vistas somente por uns poucos, invisíveis e imperceptíveis para os outros.

Eu assenti.

– É isso o que sou agora? Uma Criança dos Anjos?

– Sim – disse ele, sorrindo. – Isso é o que você é agora. Lembre-se disso.

Com isso, ele partiu.

E eu fiquei para trás, percebendo que tinha uns cinquenta minutos de espera até Liona chegar.

Talvez eu desse um passeio, tomasse um refrigerante no bar, sei lá. Eu sabia apenas que, de um momento para o outro, estava feliz, e estava mesmo.

Enquanto pensava nisso, girei o corpo e olhei na direção das portas do saguão, mas por nenhum motivo em especial. Vi uma figura lá, ao lado de uma das portas, que estava em pé de braços cruzados, encostada na parede, me encarando. Ele era tão vívido quanto qualquer pessoa ao redor dele, um homem alto como Malchiah, só que com cabelos arruivados e olhos azuis maiores, e vestia um terno cáqui idêntico ao meu. Dei-lhe as costas para evitar seu olhar fixo, e então percebi o quanto era improvável o cara estar usando um terno exatamente igual ao meu, e me encarando daquela maneira, com uma expressão que beirava a raiva. Não, não era raiva.

Eu me virei. Ele ainda estava encarando. Era preocupação, não raiva.

Você é o meu anjo da guarda!

Ele fez que sim com a cabeça de modo quase imperceptível.

Uma incrível sensação de bem-estar instalou-se em mim. Minha ansiedade dissolveu-se. *Eu ouvi sua voz! Eu ouvi você com os outros anjos.* Eu estava fascinado e estranhamente reconfortado, e tudo isso numa fração de segundo.

Uma pequena multidão de hóspedes atravessou as portas do saguão, passando em frente a essa figura e obscurecendo-a. E, assim que eles viraram à esquerda para seguir por uma outra trilha, percebi que ele havia desaparecido.

Meu coração estava dando pulos. Será que eu vira tudo isso de maneira correta? Será que ele estivera de fato me encarando e mexera a cabeça para mim?

Meu retrato mental do evento estava sumindo rapidamente. Alguém estivera em pé ali, sim, era evidente, mas agora não havia como verificar o que acontecera; não havia como submeter a coisa a qualquer tipo de análise.

Tirei o ocorrido da cabeça. Se ele era o meu guardião, só podia estar me guardando. E se não era, se fora alguma outra pessoa, bom, o que isso me dizia respeito? Minha lembrança do evento estava ficando cada vez mais embaçada. E, é claro, eu discutiria todo o acontecimento com Malchiah mais tarde. Malchiah saberia de quem ele se tratava. Malchiah estava comigo. *Oh, nós somos criaturas com tão pouca fé.*

Uma alegria extraordinária subitamente tomou conta de mim. Você é uma Criança dos Anjos, eu pensei, e os anjos estão trazendo Liona e o filho dela, seu filho, para você.

Dei uma longa caminhada ao redor do Mission Inn, pensando em como aquele era um dia fresco, perfeitamente californiano, passando por todas as minhas fontes prediletas, pelas portas das capelas, pelos pátios e por todas as curiosidades e tantas outras coisas, e já estava mais do que na hora de ela ter chegado.

Voltei para a extremidade da trilha, perto das portas que dão no saguão, e esperei que duas pessoas plausíveis comesçassem a percorrer o caminho e, em seguida, fizessem uma pausa sob o campanário com a arcada baixa e seus muitos sinos.

Não mais do que cinco minutos depois de eu me postar lá, andando rápido, olhando ao redor, verificando as horas e entrando e saindo do saguão de tempos em tempos, percebi subitamente que, em meio a um fluxo constante de pés caminhando ao longo da trilha, havia duas pessoas em pé logo abaixo dos sinos, exatamente como eu pedira que aquelas duas pessoas fizessem.

Por um momento, pensei que meu coração fosse parar de bater.

Eu esperara reencontrá-la bonita porque tinha sido bonita quando jovem, mas aquilo fora apenas o botão dessa flor radiante que eu tinha diante de meus olhos, e eu não queria fazer mais nada além de olhar intensamente para ela, de absorver a mulher na qual se transformara.

Ela estava apenas com vinte e sete anos. Mesmo eu, com meus vinte e oito, sabia que isso está longe de ser uma idade avançada, mas ela possuía um jeito de mulher feita e vestia-se da forma mais decente e digna possível.

Usava um *tailleur* vermelho, justo na cintura e solto em cima dos quadris estreitos, com uma saia curta rodada cobrindo-lhe os joelhos. Sua blusa cor-de-rosa estava aberta no pescoço, e ela usava um simples colar de pérolas. Havia a pontinha de um lenço cor-de-rosa no bolso da frente, e sua bolsa era de couro legítimo, assim como os graciosos sapatos de salto alto.

Que imagem era ela naquelas roupas!

Os cabelos pretos e compridos estavam soltos acima dos ombros, apenas uns poucos fios sobre a testa límpida, e presos com um pregador, do jeito como costumava fazer quando criança.

Tive a nítida sensação de que me lembraria dela daquela maneira para sempre. Pouco importava o que poderia acontecer depois, ou daquele momento em diante. Eu simplesmente jamais me esqueceria de como ela estava agora, absolutamente encantadora de vermelho, com os fartos cabelos pretos que lhe davam um jeito de menina.

Na verdade, uma passagem de um filme me veio à mente, um filme que muitas pessoas adoram: *Cidadão Kane*. A cena em que um homem idoso chamado Bernstein reflete sobre a memória e sobre como determinadas coisas que vemos por meros segundos podem nos arrebatam. No caso dele, está descrevendo uma jovem que avistara numa balsa que

passava. “Ela estava usando um vestido branco”, diz ele, “e levava uma sombrinha branca. Eu só a vi por um segundo e ela não me viu, mas aposto que não passou um mês sequer em minha vida sem que eu tenha pensado naquela garota.”

Bom, eu sabia que sempre me lembraria de Liona daquela mesma maneira em relação a como estava vestida agora. Ela olhava ao redor e exprimia a autoconfiança e o autocontrole de que eu me lembrava muito bem, e também a pura e descomplicada coragem que sempre associei aos seus gestos e palavras mais simples.

Eu não conseguia acreditar no quanto estava adorável. Eu não conseguia acreditar no quanto se tornara simplesmente, inevitavelmente adorável.

Mas bem ao lado dela estava o menino de dez anos de idade que era meu filho, e, quando o vi, eu vi meu irmão Jacob que morrera com essa mesma idade e senti um nó na garganta, as lágrimas se formando em meus olhos. *Esse é o meu filho.*

Bom, eu não vou me encontrar com eles chorando, pensei, mas, assim que tirei o lenço, ela me viu e sorriu para mim e, pegando a mão do menininho, ela o conduziu pela trilha até onde eu estava e disse com a mais confiante e efusiva das vozes:

– Toby, eu reconheceria você em qualquer lugar. Você não mudou nada.

O sorriso dela foi tão vibrante e tão generoso, que eu não consegui lhe responder. Eu não conseguia falar. Eu não conseguia dizer a ela o que significava vê-la, e, quando baixei os olhos para o menininho que olhava para mim, aquele menininho de cabelos e olhos escuros que era a imagem de meu irmão Jacob, havia muito tempo morto, aquele menininho de porte nobre e ombros retos, aquele menininho confiante e de olhar inteligente que qualquer homem desejaria ter como filho, aquele belo e esplêndido menininho, bom, eu comecei a chorar.

– Se você não parar, eu também vou começar a chorar – disse Liona. Ela estendeu a mão e agarrou o meu braço.

Não havia nela qualquer sinal de hesitação nem reticência, e, quando refleti acerca disso, percebi que essas características jamais existiram nela.

Ela era forte e confiante e possuía uma voz suave e profunda que sublinhava muito bem seu generoso caráter.

Generosidade, essa era a palavra que me veio à mente enquanto eu olhava bem fundo nos seus olhos, enquanto ela sorria para mim. Ela era generosa. Ela era generosa e amável e percorrera toda essa distância até aqui porque eu lhe pedira que fizesse isso, e eu me descobri dizendo isso em voz alta.

– Você veio. Você percorreu essa distância toda. Você veio. Até o último momento, eu imaginei que não fosse vir.

O menininho tirou alguma coisa do bolso da camisa e estendeu a mim.

Eu me curvei para ter uma visão melhor dele, peguei o que estava me entregando e vi que era uma pequena foto minha. Fora tirada de meu anuário escolar e estava com uma moldura de metal.

– Obrigado, Toby – eu disse.

– Ah, eu sempre levo ela comigo – disse ele de imediato. – Eu sempre falo pra todo mundo: “Esse aqui é o meu pai.”

Eu o beijei na testa. E então ele me surpreendeu. Abraçou-me, quase como se fosse o homem e eu, o menino. Abraçou-me e não me soltou. Eu lhe dei outro beijo na bochechinha macia. Ele olhou para mim com os olhos mais límpidos e simples do mundo e disse:

– Eu sempre soube que um dia você ia aparecer. Enfim, eu sabia que um dia eu ia te conhecer. – Ele disse isso tudo com a mesma simplicidade com que dissera as outras coisas.

Eu me levantei, engoli em seco e então olhei para ambos novamente e abracei os dois. Mantive-os junto a mim, grudados em mim, e percebi a suavidade dela, sua pura doçura, uma doçura feminina tão estranha a mim e à vida que eu levava, e um encantador perfume floral que emanava de seus escuros cabelos sedosos.

– Vamos indo, o quarto está pronto – gaguejei, como se essas fossem palavras de grande importância. – Eu já fiz o *check-in* de vocês, vamos subir.

Percebi, então, que o carregador estivera em pé ali todo o tempo com o carrinho de bagagem. Dei-lhe uma nota de vinte dólares e disse a ele que as malas iriam para a Suíte do Proprietário e que nós nos encontraríamos com ele no andar de cima.

Por um momento, simplesmente olhei novamente para ela, e me veio à mente o que Malchiah dissera. O que você disser a ela, você dirá tendo em vista os interesses dela, não os seus.

Uma outra coisa também me atingiu em cheio enquanto eu olhava para ela, e era o quanto era séria, aquela seriedade era o outro lado da autoconfiança que demonstrava. Seriedade era o motivo pelo qual ela viera até aqui sem um momento de hesitação sequer e permitira que seu filho conhecesse o pai. E essa seriedade me fazia lembrar alguém que eu conhecera e amara em minhas aventuras com Malchiah, e percebi agora que, quando eu estive com essa pessoa – uma mulher de uma época muito antiga –, eu me lembrara, na ocasião, dessa bela, viva e pulsante mulher que estava em pé ao meu lado em minha própria época, nesse exato instante.

Essa é uma pessoa a ser amada. Essa é uma pessoa a ser amada de todo o seu coração, da mesma maneira com que você amou aquelas pessoas naquele momento, quando estava com os anjos, quando estava com pessoas que jamais poderia ter em seu coração. Durante todos esses dez anos, você viveu afastado de todos os seres vivos, mas essa é uma pessoa tão real quanto as pessoas de Malchiah eram, uma pessoa a quem você pode amar total e verdadeiramente. Pouco importa se você consegue que ela o ame ou não. Você pode amá-la. E esse menininho, você pode amá-lo.

Enquanto estávamos juntos no pequeno elevador lotado, Toby me mostrou outras fotos minhas do anuário escolar. Ele também as levava consigo havia muito tempo.

– Quer dizer então que você sempre soube como eu me chamava – eu disse a ele, sem saber exatamente o que dizer, mantendo-me assim nas coisas óbvias, e ele respondeu que sim, ele contava para todo mundo que o pai dele era Toby O’Dare.

– Fico feliz. Fico feliz por você ter feito isso. Eu nem sei como dizer o quanto estou orgulhoso de você.

– Por quê? – perguntou ele. – Você nem sabe como eu sou realmente. – Ele era pequeno o suficiente para sua voz ter aquele trinado característico das crianças menores, que as mais velhas já não possuem, e, quando disse aquilo, o som de suas palavras era límpido e brilhante. – Eu poderia ser um aluno ruim e você nem teria como saber.

– Ah, mas a sua mãe era uma aluna brilhante – eu disse.

– Eu sei, e ainda é. Ela faz cursos no Loyola. Ela não está satisfeita em dar aulas para o ensino fundamental. Ela só tira A.

– E você também não é? – perguntei.

Ele balançou a cabeça em concordância.

– Se eles deixassem, eu poderia até pular um ano. Eles acham que seria ruim para o meu desenvolvimento social, e o meu avô acha a mesma coisa.

Nós havíamos chegado ao terraço, e eu os conduzi ao redor das sacadas e ao longo da varanda de ladrilho vermelho. As suítes em que estavam ficavam no fim da varanda, próximas à minha.

Agora a Suíte do Proprietário no Mission Inn é a única realmente moderna e luxuosa, segundo os critérios dos hotéis cinco estrelas. Só está disponível quando os proprietários do hotel não estão presentes, de modo que eu me certifiquei de que poderia reservá-la nessa época do ano.

Eles ficaram apropriadamente impressionados com as três lareiras, a imensa banheira de mármore, a adorável varanda aberta e ainda mais impressionados quando descobriram que eu reservara a suíte adjacente para Toby, imaginando que, aos dez anos de idade, talvez ele quisesse ter seu próprio quarto e sua própria cama.

Em seguida, eu os levei para a Suíte Amistad, minha favorita, para mostrar a eles o belo domo pintado, a cama de baldaquim e a exótica lareira que não funcionava, e eles repararam que era mesmo muito “parecido com Nova Orleans”, mas eu acho que ficaram encantados com a luxuosa residência de que dispunham, e a coisa toda foi como havia sido planejada.

Nós todos nos sentamos à mesa de ferro e vidro, e eu pedi vinho para Liona e uma Coca para Toby porque ele admitiu que, de vez em quando, mesmo não sendo muito bom, bebia uma.

Ele pegou seu iPhone da Apple e me mostrou todas as coisas que podia fazer com ele. Colocara no aparelho todas as minhas fotos e agora, se eu não me importasse, tiraria um montão de outras.

– Problema algum – eu disse, e ele virou instantaneamente o fotógrafo profissional, afastando-se, estendendo o telefone da mesma maneira

como se um pintor antigo talvez estendesse o polegar, e nos fotografando de inúmeros ângulos, enquanto se movia ao redor da mesa.

Naquela altura, enquanto Toby tirava foto atrás de foto, eu me dei conta de algo e senti um calafrio percorrendo-me o corpo. Eu cometera um assassinato na Suíte Amistad. Cometera um assassinato aqui no Mission Inn e, no entanto, trouxera essas duas pessoas para cá como se isso jamais tivesse acontecido.

É claro que Malchiah aparecera para mim aqui, um Serafim que me perguntara por que, em nome de Deus, eu não me arrependia da vida miserável que levava. E eu me arrependera, e toda a minha existência fora alterada para sempre.

Ele me alçara para fora do século XXI e me enviara de volta no tempo para impedir que ocorresse um desastre numa comunidade medieval inglesa que estava em perigo. E, depois de finalizar essa primeira missão para meu novo chefe angelical, eu acordei aqui nesse local, no Mission Inn, e foi aqui que escrevi todo o meu relato dessa primeira missão no Tempo dos Anjos. O manuscrito estava no recinto. Estava em cima da escrivaninha onde eu matara minha última vítima com uma agulha no pescoço. E foi aqui que eu telefonei para meu ex-chefe, o Homem Certo, e lhe disse que jamais voltaria a matar para ele.

Ainda assim, eu cometera um assassinato aqui. E fora uma ação fria, um assassinato calculado, do tipo que angariara a Lucky, a Raposa, uma fama justificada. Estremeci internamente, murmurando uma oração em que prometia que nenhuma sombra daquele mal jamais chegaria a Liona nem a Toby, que nenhuma consequência daquele mal jamais os ameaçaria.

Esse lugar era o meu alívio antes desse assassinato. Era o único lugar onde eu me sentia tranquilo, e fora certamente por esse motivo que eu trouxera Liona e meu filho para esse mesmo local, essa mesma mesa onde Malchiah e eu havíamos conversado. Parecia natural eles estarem aqui, parecia natural eu experimentar essa nova alegria de tê-los aqui nesse local onde as minhas amargas e sarcásticas orações por redenção foram atendidas.

Tudo bem, o meu jeito fazia algum sentido para mim. E que local poderia ser mais seguro para Lucky, a Raposa, do que a cena de seu

mais recente crime? Quem algum dia esperaria que um assassino de aluguel voltasse à cena do crime? Ninguém. Eu estava confiante nisso. Afinal, trabalhara como assassino de aluguel por dez anos e nunca voltara à cena de um único crime sequer, até agora.

Mas, tinha de admitir, eu trouxera esses adorados inocentes a um local de notável significância.

Eu merecia tão pouco o meu amor de tanto tempo atrás e meu filho recém-descoberto, merecia tão pouco e eles nem imaginavam isso.

E é melhor você garantir que eles jamais saibam, porque, se souberem quem você era e o que fazia, se alguma vez eles avistarem uma gotícula de sangue em suas mãos, você lhes terá feito o mais indescritível mal, e você sabe disso.

Eu senti ter ouvido uma voz baixinha, não muito distante, dizer com clareza:

– É isso mesmo. Nenhuma palavra que possa feri-los.

Ergui os olhos e vi o jovem andando por ali, ao longo da parede, passando pela porta da Suíte Amistad e saindo de meu ângulo de visão. Era o mesmo jovem que eu vira lá embaixo perto das portas do saguão, o mesmo terno idêntico ao meu, os cabelos arruivados e os olhos urgentes e engajados.

Eu não vou feri-los!

– Você falou alguma coisa? – perguntou Liona.

– Não, me desculpa – sussurrei. – Eu estava falando sozinho, é isso. Desculpa.

Mirei a porta da Suíte Amistad. Eu queria tirar aquele assassinato da cabeça. A agulha no pescoço, o banqueiro morrendo como se tivesse tido um ataque cardíaco, uma execução levada a cabo de modo tão limpo, que ninguém jamais suspeitou de que algo mal-intencionado houvesse ocorrido.

Você é um homem frio, Toby O'Dare, pensei. Imaginar que poderia facilmente inaugurar uma nova fase de sua vida nas mesmas encruzilhadas onde destruiu a vida de uma outra pessoa com tamanho descaso.

– Você me deixou um pouco perdida agora – disse Liona, com delicadeza e um sorriso no rosto.

DE AMOR E MALDADE

– Desculpa – eu disse. – São muitos pensamentos, muitas lembranças. – Olhei para ela e era como se eu a estivesse vendo pela primeira vez. Seu rosto era tão viçoso, tão confiante.

Antes que ela pudesse responder, nós fomos interrompidos.

Um dos guias viera atender uma solicitação minha, e eu lhe confiei Toby para que, juntos, fizessem uma turnê pelas “catacumbas” e por todas as outras maravilhas que o gigantesco hotel tinha a oferecer. Ele vibrou.

– Nós vamos almoçar quando você voltar – assegurei a ele. Embora, para eles, evidentemente a refeição pudesse ser encarada mais como uma ceia adiantada, já que haviam almoçado no avião.

Agora era o momento que eu abominara e ao mesmo tempo pelo que mais ansiara, porque Liona e eu estávamos a sós. Ela tirara o paletó vermelho e parecia estar em ótima forma na blusa cor-de-rosa, e eu senti um desejo enorme e assoberbante de estar com ela, e de não ter nada e ninguém ali para interferir, o que incluía também os anjos.

Eu estava com ciúmes de meu filho, temendo que ele pudesse voltar a qualquer momento. E estava tão ciente dos anjos me observando, que acho que enrubesci.

– Como é que você pode me perdoar por eu ter sumido daquele jeito? – perguntei a ela de súbito.

Não havia nenhum turista vagando pela varanda. Nós estávamos ali sozinhos na mesa de vidro como eu estivera tão frequentemente no passado. Estávamos sentados entre os vasos com árvores frutíferas e os gerânios de lavanda, e ela era a mais bela de todas as flores.

– Ninguém culpou você por ter ido embora – disse ela. – Todo mundo sabia o que tinha acontecido.

– Sabiam? Como?

– Quando você não apareceu na minha formatura, eles imaginaram que estivesse em algum lugar, tocando para arrumar alguns trocados. E foi muito fácil descobrir que você tinha passado a noite toda tocando. Aí você chegou em casa de manhã e os encontrou lá daquele jeito. E, depois disso, bom, você simplesmente sumiu.

– Simplesmente sumi. Eu nem fui ao enterro deles.

– O seu tio Patrick cuidou de tudo. Eu acho que o Corpo de Bombeiros deve ter pago tudo, ou não, o seu pai era policial. Enfim, acho que eles pagaram. Não tenho muita certeza. Eu fui ao enterro. Todos os seus primos estavam lá. As pessoas pensaram que, de repente, você fosse aparecer, mas todo mundo entendeu quando viram que você não ia mesmo.

– Eu peguei um avião para Nova York. Peguei o meu alaúde, o dinheiro que tinha e alguns livros que adorava, entrei num avião e nunca mais pensei em olhar pra trás.

– Eu não o culpo por isso.

– Mas e você, Liona? Eu nunca dei um único telefonema para saber como você estava. Nem liguei jamais para dizer a você onde eu estava nem o que tinha feito.

– Toby, você sabe quando uma mulher perde a cabeça desse jeito, do jeito como a sua mãe perdeu, quando ela mata os filhos; enfim, quando uma mulher faz uma coisa dessas, ela também pode matar um menino da sua idade. Tinha uma arma no apartamento. Eles a acharam. Ela podia ter atirado em você, Toby. Ela estava totalmente fora de si. Eu não estava pensando em mim, Toby. Eu só estava pensando em você.

Fiquei calado por um longo tempo. Então, finalmente disse:

– Eu não ligo mais para isso, Liona. O que me importa agora é você me perdoar por eu nunca ter-lhe dado um telefonema. Vou mandar um dinheiro para o meu tio Patrick. Vou pagar pelo enterro. Isso não é nenhum problema. Mas o que me importa é você. Eu me importo com você e com Toby, e me importo com, bem, com os homens na sua vida e o que tudo isso pode significar.

– Não tem nenhum homem na minha vida, Toby. Pelo menos, não tinha até você aparecer. E não pense que eu espero que você se case com a mãe do Toby. Eu o trouxe até aqui por você e por ele.

Casar com a mãe do Toby. Se eu achasse que conseguiria fazer uma coisa assim, eu me ajoelhariá bem aqui nessa varanda e a pediria em casamento.

Mas eu não fiz isso. Eu estava olhando em outra direção e pensando nos dez anos de minha vida que eu passara trabalhando para a “agência”, ou para os “Caras Legais”, ou seja lá quem fosse a quem eu vendia mi-

nha alma de dezoito anos de idade de maneira tão entusiástica e exuberante.

– Toby, você não precisa me contar o que fez durante todo esse tempo – disse ela subitamente. – Você não precisa me explicar como era sua vida. Eu não tenho nenhum homem na minha vida porque não quero que o meu filho tenha um padrasto, e eu sempre estive bastante determinada a garantir que ele jamais tivesse um padrasto a cada mês.

Eu assenti. Estava mais grato por isso do que conseguia exprimir em palavras.

– Eu não tive nenhuma mulher, Liona. Ah, aqui e ali, só para provar que eu era homem, eu acho, houve um ou outro contato. Mas não passava disso: contato. Com dinheiro envolvido. Nunca foi uma coisa... íntima. Nunca foi nada que sequer se aproximasse disso.

– Você sempre foi um cavalheiro, Toby. Você era assim desde criança. Você sempre usa as palavras apropriadas para as coisas.

– Bom, isso não ocorreu com muita frequência, Liona. E palavras impróprias dariam uma coloração exuberante quando isso jamais existiu.

Ela riu.

– Ninguém fala do jeito com que você fala, Toby. Eu nunca conheci ninguém como você. Nunca conheci ninguém que pudesse ao menos remotamente me lembrar você. Senti saudades de *você*.

Percebi que enrubesci. Estava dolorosamente ciente da presença de Malchiah e de meu anjo da guarda, estivessem eles visíveis ou não.

E quanto ao anjo de Liona? Deus do céu. Por uma fração de segundo, eu imaginei um magistral ser alado atrás dela. Felizmente nenhuma criatura desse tipo materializou-se.

– Você ainda parece inocente – disse ela. – Ainda tem aquele mesmo olhar, como se tudo o que estivesse diante de seus olhos fosse um milagre.

Eu? Lucky, a Raposa, o assassino de aluguel?

– Você nunca vai saber – murmurei entre dentes. Eu lembrei que o Homem Certo me dissera na noite em que nos conhecemos que eu tinha os olhos mais frios que ele jamais vira na vida.

– Você está um pouquinho mais pesado – disse ela, como se houvesse acabado de perceber isso. – Mais musculoso, mas eu acho que isso é normal. Você era magro demais quando criança. Mas a sua cabeça

ainda tem o mesmo formato, e os seus cabelos estão cheios como sempre foram. Eu podia jurar que você está mais louro; de repente, é o sol da Califórnia. E os seus olhos parecem quase azuis, às vezes. – Ela desviou o olhar e disse suavemente: – Você ainda é o meu menino dourado.

Eu sorri. Lembrei-me agora de como ela costumava me chamar dessa maneira, seu menino dourado. Ela dizia isso sussurrando.

Murmurei qualquer coisa suavemente sobre como eu não sabia lidar com os elogios de mulheres bonitas.

– Fala um pouco dos seus estudos – eu disse.

– Literatura inglesa. Eu quero dar aulas numa universidade. Quero dar aulas sobre Chaucer ou Shakespeare. Ainda não decidi qual. Eu me diverti muito dando aulas no ensino fundamental, me diverti muito mais do que Toby gosta de admitir. Ele olha com desprezo para os garotos da idade dele. Ele é como você. Acha que já é adulto e conversa com adultos mais do que com as crianças. É a natureza dele, exatamente como a sua.

Nós rimos disso porque era verdade. Esse é o tipo mais simpático de riso suave, quando você ri como resposta, ou como pontuação, e as pessoas do sul fazem isso com facilidade e o tempo todo.

– Lembra quando a gente era criança e os dois queriam dar aulas em universidade? – disse ela. – Lembra que você disse que, se pudesse dar aulas numa universidade e possuir uma casa bonita na avenida Palmer, seria a pessoa mais feliz do mundo? Por falar nisso, Toby estuda na Newman, e, assim que você perguntar, ele vai lhe dizer que ela é a melhor escola da cidade.

– Sempre foi. A Jesuíta vem logo atrás no ensino médio.

– Bom, algumas pessoas discutiriam quem está em primeiro lugar segundo esse critério. Mas a questão é que Toby é judeu, então estuda na Newman. Minha vida tem sido feliz, Toby. Você não me deixou desamparada, você me deixou um tesouro. E é assim que eu sempre vi isso, e é assim que vejo isso agora. – Ela cruzou os braços e curvou-se sobre a mesa. Seu tom era sério e ao mesmo tempo objetivo. – Quando entrei naquele avião, pensei: eu vou mostrar a ele esse tesouro que ele deixou para mim. E vou mostrar a ele o que esse tesouro pode significar para ele.

DE AMOR E MALDADE

Ela parou. Eu não disse nada. Não conseguia dizer nada. E ela percebeu isso. Percebeu pelas minhas lágrimas. Eu não conseguia exprimir em palavras toda a felicidade e todo o amor que estava sentindo.

Malchiah, posso me casar com ela? Eu tenho essa liberdade? E aquele outro anjo, ele está perto de mim? Ele quer que eu me aproxime dela e a abrace?